

## **Relato baseado na dinâmica das primeiras aulas do curso de Introdução a Museologia (CBD0247) – Professor Martin Grossmann**

Ao longo das primeiras aulas do curso, o professor não quis se prender a conceitos básicos sobre o estudo da museologia. Os alunos foram apresentados a três filmes, e após assistirem aos mesmos seguiram para uma pequena discussão sobre o parecer de cada um sobre a obra apresentada.

O primeiro filme assistido foi “Fausto” (Alexander Sokurov, RUS, 2011). A temática dessa obra gira em torno do Doutor Fausto, um médico que sofre de grande inquietação em relação a determinadas questões, a principal seria a existência ou não da alma, se essa existe onde se localiza. Mesmo não se encontrando em uma situação financeira confortável segue seus trabalhos em fisiologia humana, área do conhecimento aonde chegou até mesmo a publicar trabalhos. A narrativa preocupa-se no início em introduzir o telespectador em algumas das atividades diárias de Fausto, até o momento em que o médico estabelece uma relação com um senhor de certos mistérios que pode responder a seus questionamentos. A relação entre os dois passa a estreitar-se até o ponto em que podemos enxergá-los como cúmplices, e Fausto contrai uma dívida que nem mesmo ele tem dimensão de que assumiu.

Esse sem dúvida é o filme de referências menos claras em relação a museologia, mas pode-se rascunhar algumas ideias para criar um paralelo. Como o fato de o personagem principal da obra sofrer de uma grande inquietação em relação a sua vida que o faz com que não consiga dormir nunca e esteja sempre com fome, podemos pensar que essa é uma questão existencial que aflige os museus. Qual o papel desse espaço em um mundo onde a informação torna-se cada vez mais acessível e as pessoas preocupam-se cada vez menos em resgatar o passado?

Já o segundo longa metragem analisado foi “Underground” (Emir Kusturica, SRB, 1995). A base de sua história é a vida de dois amigos, que fazem fortuna utilizando o trabalho de refugiados que vivem em um esconderijo subterrâneo em Belgrado, onde produzem armas que são vendidas ao mercado negro em plena Segunda Guerra Mundial. Diferente do outro filme este apresenta um enredo mais complexo, revelando a cada passagem uma face da trama. Surgiu em sala até mesmo dúvidas sobre em qual gênero cinematográfico seria enquadrada a película, se tratava de um drama ou uma tragédia, optou-se pela segunda opção.

A metalinguagem pode ser observada na narrativa em diversos momentos, como no fato de o filme criticar a noção do que seria um centro de cultura, a ideia de periferia e centro. A trama acontece na Europa, mas mesmo o Velho Mundo não é homogêneo em sua distribuição de renda, possibilidades de

emprego e políticas públicas, a Sérvia e diversos países são mantidos ainda as margens da grande Europa, mesmo com sua proximidade geográfica. O que faz com que esses países sejam excluídos da formação de uma cultura dominante? O que impede que eles realmente façam parte do continente europeu? Será que mesmo a majestosa Europa é obrigada a conviver com uma periferia ao seu lado a fim de sustentar um modelo de produção baseado na desigualdade?

Por fim em sala os alunos assistiram ao filme “Arca Russa” (Alexander Sokurov, 2002). Esta obra leva o telespectador ao interior do famoso museu russo Hermitage, em São Petersburgo, onde através dos olhos do cineasta o público é guiado pelos salões do museu junto a um aristocrata francês que viveu durante o século XIX. Os dois transitam por anos da história russa, desde o século XVIII até o XXI. A produção também é marcada pela metalinguagem, e colocando em pauta novamente a ideia de periferia e centro.

A história nos é apresentada quando adentramos ao museu, isso ocorre ao atravessarmos as portas de fundo do local, o ambiente apresentado a princípio é o bastidor do museu. Por que não entender a história russa pela porta da frente? A Rússia por suas proporções gigantescas sempre teve certo espaço na política europeia, mas custou muito a conquistar o papel de protagonista, mesmo nos anos áureos de sua monarquia permaneceu como sendo um país que buscava se alinhar aos padrões da nobre Europa. Esse fato é apontado no filme, o personagem aristocrata francês em diversas cenas questiona as obras de arte expostas no Hermitage, alegando que aquelas obras são de origem italiana, greco-romana, francesa ou imitações. Ele mostra-se incomodado por estar ali em grande parte da narrativa, não vendo como genuína aquela experiência. Apenas com o desenrolar da obra que o mesmo personagem assume admiração pela arte russa, indicando quando perguntado sobre o que queria que pretendia permanecer ali mesmo, vivendo entre a aristocracia daquele país subjugado por ele em certo momento.

A escolha dos filmes por parte do professor passou a fazer mais sentido apenas quando o mesmo indicou suas intenções. A ideia até esse momento do curso foi criar certos questionamentos sobre a relação de nós alunos com a ideia de museu, um espaço que está inserido em um contexto social, político, histórico e econômico e que assume um papel importante se for encarado dessa maneira. O museu é um dispositivo de construção de narrativas e nesse sentido relaciona-se muito bem com a sétima arte, por esta ser capaz de entreter e gerar inquietude, despertando senso crítico. Dessa ideia surgiu o início do curso que se valeu de determinados filmes com o intuito de provocar reflexão sobre outro espaço.